

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

COMENTÁRIOS A PROPÓSITO DE **BLACK AND WHITE** DE THOMAS E. SKIDMORE.

JÚLIA MARIA LEONOR SCARANO

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Lecturer/Researcher. University of Wisconsin (USA).

O ideal do branqueamento, a integração e a diluição do preto, a busca de uma unidade racial utópica, constituem, segundo o autor, o cerne do pensamento brasileiro sobre tal assunto. O nome tão significativo, verdadeira síntese, se vê complementado pelo sub-título: *Race and Nationality in Brazilian Thought*. O livro abrange um dos mais interessantes períodos da nossa história, os últimos anos do Império e a assim chamada primeira República, 1870 a 1930 e visa clarificar aspectos novos de uma época que apenas atualmente vem sendo realmente estudada. Foram anos fundamentais para nosso desenvolvimento, não somente econômico ou político, mas também serviram de embasamento ou confirmação para ideais e maneiras de ser que não perderam sua validade no país, mesmo em nossos dias.

O pensamento brasileiro, ou melhor dizendo, nossa maneira de ser e de agir em relação às questões raciais, se manifesta claramente quando se tem a sabedoria e a paciência de ler nas entrelinhas, de buscar em todos os recantos a oculta manifestação de preconceitos de nossa elite intelectual, que serviram de modelo e de paradigma para os ideais de outros grupos. Uma vez que as questões raciais tratadas em nosso meio o são de maneira casual, os autores citados por Skidmore constituem como que a manifestação mais clara e precisa das preocupações subterrâneas que se ocultam na mente de grande parte dos brasileiros.

A escolha do tempo, 1870-1930, propicia uma clivagem evolutiva, iniciando-se quando a instituição escravista ainda vigorava, passando posteriormente por um período de agudos problemas nacionais, seja no setor da mão-de-obra, seja nas áreas políticas e econômicas. Passa-se de um ideal abolicionista, com toda a sua conotação emocional,

para um período em que se procurou esquecer, não apenas a escravidão, mas também o preto (a queima da documentação sobre o assunto dá bem testemunho desse estado de espírito), em que o ex-escravo, desvalorizado como força de trabalho sofre as agruras do abandono. Mais tarde chega-se a uma outra fase, à qual, à falta de um termo melhor podemos chamar de acomodação. Do mesmo modo que os demais grupos desfavorecidos, talvez pior do que qualquer um deles, o homem de cor, que durante séculos fora escravo e no decorrer da campanha abolicionista fora encarado como vítima, acaba finalmente por ser visto como um mal, que não pode, entretanto, ser evitado, uma vez que ali está.

A acomodação, neste caso, significa uma procura de caminhos, uma vez que a elite intelectual brasileira fora atingida por ideais racistas importados, que serviram de reforço aos preconceitos anteriores. Mais uma vez vai-se às fontes estrangeiras buscar resposta para os problemas. O pensamento nacional busca encontrar resposta a muitas perguntas que os europeus faziam a si próprios, interessados em seus problemas específicos. A crescente onda de racismo, assentada em teorias que se coloriam de científicas, colocou o intelectual brasileiro diante de um caminho extremamente difícil.

Por um lado ele buscava se colocar entre os grupos mais radicais do momento ou era envolvido pelos argumentos que tais grupos apresentavam, mas, por outro lado necessitava de uma saída para seu orgulho nacional. Muitas vezes se resolve a questão com uma “atitude de Bentinho”, em que predomina a dubiedade, com abertura para diferentes interpretações, mesmo contraditórias. O país surgira e fora criado sob a égide da miscigenação: não haveria pois possibilidade de ser salvo, isto é, cerrar fileiras ao lado das grandes nações do mundo?

Nem todos os pensadores brasileiros foram conscientes e a atitude de Machado, que parece viver num transplante sul-americano da Europa ou da Áustria, não constitui exceção. Outros, entretanto, foram atingidos por tal problema, foram forçados a assumi-lo. Busca-se, pois, uma saída para o futuro do país, abandonando desse modo um ideal racista explícito e radical. Isso não significa que implicitamente “um país branco e europeu” deixe de constituir a meta, como bem demonstra Skidmore. A própria valorização do imigrante, mais de fachada do que real, em relação ao trabalhador preto já constitui sintoma dessa colocação. A obra clarifica assim, muitas das fontes desse pensamento, que, de resto, não abrangem apenas as questões raciais. A procura das ideologias que nortearam a ação humana em determinados períodos, constitui, sem dúvida, um dos caminhos mais férteis e legítimos para o estudo da História, para o conhecimento do homem.

Por outro lado, também em outros aspectos a obra interessa grandemente o leitor brasileiro, isto é, na maneira como os americanos viam o Brasil e a miscigenação e talvez mais ainda, como os nacionais encararam o problema racial na América do Norte. Se um Agassiz fala com desprezo e horror da deteriorização trazida pela mistura de raças da qual o Brasil era um dos melhores exemplos, a elite nacional, notava com apreensão, o quanto se avolumam no norte os problemas que irão explodir no futuro. Quase se deseja dizer que essa é uma atitude de "homem cordial", que não se coloca contra as minorias e ao mesmo tempo teme os radicalismos. São aqueles que criticam a situação americana e colocam o Brasil como paradigma de uma mais perfeita solução.

Essa maneira de ser se manifesta também entre o homem comum, que ostenta certo orgulho de ter resolvido um problema que, em países como os Estados Unidos, para nos mantermos apenas na comparação estabelecida pelo livro, teve evolução mais radical e sangrenta.

A obra mostra o quanto essa dubiedade, essa acomodação, marcaram o pensamento brasileiro e propicia pistas para o conhecimento dos caminhos que serão buscados no futuro. Entretanto, não podemos esquecer que nós também temos preconceitos. E que muitos ainda continuam a ser

"implicit believers in a whiter Brazil, even though it may no longer be respectable to say so".